



# **NARRATIVAS EM INTERCÂMBIO: TROCAS LITERÁRIAS E SIMBÓLICAS ENTRE ESCRITORES BRASILEIROS, PORTUGUESES E ANGOLANOS EM RESISTÊNCIA AO PENSAMENTO AUTORITÁRIO NO SÉCULO XX**

**NARRATIVES IN EXCHANGE: LITERARY AND SYMBOLIC  
INTERCHANGE AMONG BRAZILIAN, PORTUGUESE AND  
ANGOLAN WRITERS, IN RESISTANCE TO AUTHORITARIAN  
THOUGHT IN THE TWENTIETH CENTURY**

**Daniel Laks\***

\* [daniellaks@yahoo.com](mailto:daniellaks@yahoo.com)

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio com período sanduíche de doze meses na Universidade de Coimbra. Mestre em Letras pela mesma universidade. Atualmente realiza pesquisa de Pós Doutorado no Núcleo de Estudos Portugueses e Africanos (NEPA) da UFF e é bolsista FAPERJ nota 10, trabalhando principalmente com temas como Literatura e Política e trocas culturais em espaços de língua portuguesa. Agradece à FAPERJ e à UFF pelo financiamento do presente artigo.

**RESUMO:** O presente trabalho pretende analisar a maneira como as trocas entre escritores de esquerda nos espaços de língua portuguesa constituíram uma rede de resistência cultural, que colocava em questão os modelos de racionalidade, sensibilidade, individualidade e coletividade fundadores das maneiras de organização social preconizadas pelos regimes autoritários nesses espaços geopolíticos durante o século XX. Diversos autores foram perseguidos pelos governos e tiveram que cair na clandestinidade, no exílio ou enfrentar o cárcere. Esta necessidade de se esquivar dos mecanismos de controle ideológico do Estado estimulou a formação de sistemas de colaboração entre escritores que se opunham aos governos instituídos. A partir desses grupos formados por afinidade ideológica criou-se um intercâmbio entre artistas provenientes de diferentes zonas de língua portuguesa que permitiu a troca de ideias, de materiais didáticos e fundou um sistema de influências mútuas na criação de uma estratégia realista de intervenção artística.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autoritarismo; Resistência; Intercâmbio cultural; Complô; Sistemas de prestações totais.

**ABSTRACT:** The present work intends to evaluate how the exchange among left-wing writers in zones of Portuguese languages constituted a network of cultural resistance, that questioned the models of rationality, sensitivity, individuality and collectivity that founded the ways of social organization enforced by authoritarian regimes in these geopolitical spaces during the 20<sup>th</sup> century. Several authors were persecuted by the regimes and had to fall in clandestinity, exile, or face prison. This necessity to dodge the mechanisms of ideological state control produced collaboration systems among writers that opposed the instituted governments. From those groups, constituted by ideological affinity, an exchange was developed among artists from different zones of Portuguese language that enabled the permutation of ideas, didactic materials and founded a system of mutual influences for the development of a realistic strategy of artistic intervention.

**KEYWORDS:** Authoritarianism; Resistance; Cultural exchange; Conspiracy; System of total prestation.

\*

Como se aproximar de um objeto que escapa ao toque? Como reconstituir um quebra-cabeça sempre incompleto, faltando peças e enxergar a sua imagem? Como ler o que não poderia ter sido escrito, o que foi escrito de forma cifrada, o que visava escapar à censura? Estudar o intercâmbio cultural entre artistas e intelectuais modernistas em resistência ao pensamento autoritário instituído em espaços de língua portuguesa durante o século XX é conviver com aquilo que só pode ser enxergado enquanto incipiência, fragmento. Prosas, poemas e críticas espalhadas por suplementos literários de diferentes espaços geográficos. Correspondências, diários e apontamentos, muitas vezes escritos do cárcere e guardados em arquivos públicos ou privados, familiares, na dialética da memória e do esquecimento: lugares onde se guardam as coisas na esperança de serem recuperadas. São também materiais do exílio, gerados e mantidos em condições de precariedade. Escritos de refugiados, deportados e exilados políticos. Indivíduos cuja partida do país de origem foi imposta ou por ordem direta do Estado ou pela constatação da impossibilidade de sobrevivência, dadas as condições de perseguição política impostas por um regime.

Os textos que compõem esse intercâmbio tratam de mais do que projetos literários pessoais ou mesmo coletivos. São trabalhos de vida continuamente devotados para o “combate

ao regime político que o considera “inimigo” e “*persona non grata*” no seu país de origem”.<sup>1</sup> Para habitar esse local de perseguidos e de exilados, esses indivíduos precisaram articular redes de resistência responsáveis pela publicação e circulação de suas ideias que, posteriormente, nos momentos de recrutamento da perseguição imposta pelos regimes, hão de se transformar em redes de fuga, de subsistência no exílio e de manutenção da resistência cultural e política aos governos autoritários instituídos.

O objetivo deste ensaio é relacionar a formação de redes de produção e circulação de bens culturais e simbólicos com a condição de clandestinidade para a qual foram empurrados artistas e intelectuais que faziam oposição aos regimes autoritários estabelecidos em espaços de língua portuguesa durante o século XX. A articulação dessas redes clandestinas possibilitou uma forma específica de interação dos domínios da experiência estética e da experiência política que dava conta dos mais diversos aspectos das vidas dos artistas e intelectuais participantes, produzindo narrativas que entrelaçavam o individual, o coletivo, o nacional e o universal.

Ricardo Piglia, em seu ensaio *Teoria do Complô*, propõe algumas hipóteses sobre as tramas e os grupos que se formam para arquitetar ações paralelas ao poder e sociedades alternativas. O complô está relacionado à existência de grupos secretos que planejam modificar o funcionamento social,

sendo “um ponto de articulação entre práticas alternativas de construção da realidade e um modo de decifrar certo funcionamento da política”.<sup>2</sup> Nesse sentido, o conceito de complô está intimamente ligado tanto à construção de narrativas quanto à ideia de política, no seu sentido de articulação do poder e do contrapoder.<sup>3</sup>

O próprio relato do complô muitas vezes aprofunda os nós da sua trama, faz parte do complô, estabelecendo a primeira relação concreta entre narrativa e ameaça. O complô pode ser entendido como uma intriga que se estabelece e se difunde, uma ficção potencial de uma realidade sempre questionável. O excesso de informação circulante nas sociedades modernas produzia um efeito paradoxal sobre essa lógica: o que não se sabia passava a ser a chave da notícia. Em um mundo onde tudo se sabe, aquilo que não se conhece passa a ser a chave que se busca para decifrar a realidade. Desta forma, para entender a lógica muitas vezes destrutiva do funcionamento das relações sociais, o indivíduo privado precisa da inferência de um complô, precisa ler nas entrelinhas como fazem o censor e o conspirador, dois dos grandes modelos de leitor moderno.

Piglia também estabelece a noção de complô relacionada à ideia de revolução, e essa mesma noção como modo de funcionamento da política do Estado. Pelo lado da ideia de revolução, o partido leninista está fundado sobre a noção de complô, relacionando complô com classes sociais e

1. PAULO. Exilados portugueses na América do Sul: republicanos e revolucionários (1926- 1964), p. 3.

2. PIGLIA. *Teoria do complô*, p. 98.

3. Para outros desenvolvimentos acerca das relações entre literatura e complô ver: LAKS. *Sobre as conjurações que subjazem ao funcionamento aparente do real*.

complô com poder. Gramsci demonstrou que “o conceito de organização em Marx estava ligado à primitiva organização dos clubes jacobinos e às conspirações secretas de pequenos grupos”.<sup>4</sup> Che Guevara e outros líderes guerrilheiros levam essa noção de complô enquanto articulação revolucionária às últimas consequências com a ideia de grupo guerrilheiro, isolado em território inimigo, base móvel da sociedade futura. Do outro lado, do lado do complô como estratégia de política do Estado, essa noção permite pensar sobre o funcionamento das organizações de controle nomeadas Serviço de Inteligência do Estado. Esses serviços secretos funcionam como mecanismos de perseguição e captura que objetivam registrar e controlar os movimentos da população.

A própria origem da fundamentação do Estado encontra-se com essa sombra de um inimigo poderoso e secreto. “Há sempre um complô, e ele é a ameaça diante da qual se legitima o uso indiscriminado do poder. Estado e complô aparecem juntos. Os mecanismos do poder e do contrapoder se entrelaçam”.<sup>5</sup> Portanto, podemos entender o complô como uma tentativa deliberada de alterar forças que lhe são adversas. Por funcionar sempre nas fronteiras do permitido, tem o segredo como fundamento primordial e a articulação de uma possível fuga como condição necessária. O complô tenta sempre ser invisível, na medida em que se constitui em uma política baseada na precariedade extrema, na ameaça

constante de ser descoberto, na iminência de uma derrota e articulação de redes de retirada ordenada.

Brasil e Portugal tiveram uma emergência contemporânea de soluções autoritárias para lidar com suas crises de organização sociopolítica durante o século XX. A ascensão do salazarismo em Portugal articulava políticas específicas não apenas para Portugal, mas também para os seus territórios coloniais. Os Estados Novos, instaurados em Portugal e no Brasil na década de 1930, pretendiam uma modernização das relações entre as instâncias de autoridade representadas pelos dispositivos de poder, os interesses individuais do mercado e o padrão de vínculo entre os indivíduos estabelecido pela sociedade civil. A definição, montagem e implementação desse modelo, que articulava novas bases entre o público e o privado, entre Estado, mercado e sociedade civil, no Brasil e em Portugal, envolveu diversos projetos e lutas entre intelectuais e políticos, durante muito tempo. Era dentro desses espaços de divergências que podiam funcionar, num plano público, os projetos de modernização cultural de diversos autores modernistas. Artistas e intelectuais eram produtores de narrativas nacionais que podiam ou não ser absorvidas pelo governo. Nesse sentido, artistas e intelectuais estavam ligados à produção da nação como narrativa, nação imaginada.

A partir de diferentes experiências de presente, de diferentes entendimentos da dinâmica do tempo e das possibilidades

4. PIGLIA. *Teoria do complô*, p. 98.

5. PIGLIA. *Teoria do complô*, p. 98.



de se habitar o espaço, surgem expectativas diversas de futuro. Durante o século XX, experimentou-se uma crise que era ao mesmo tempo uma crise social e uma crise civilizacional. Essa crise civilizacional estava ligada a interrogação e a autointerrogação de um modelo de racionalidade específico, que gerava e consolidava saberes como limites internos dessa racionalidade. Dentro desse panorama, estabeleceram-se relações entre arte e política marcadas pela convicção de que a arte poderia intervir na dinâmica do real. A experiência estética, que seria responsável por essa intervenção, influiria diretamente na experiência política. Essa relação se estrutura na medida em que a representação artística está intimamente relacionada à maneira de se perceber o espaço e a sua relação com os corpos. Dessa forma, a percepção espacial se processaria analogamente tanto no espaço estético quanto no espaço teórico, sendo pictoricamente simbolizada em um enquanto vislumbrada como forma lógica no outro.

Os diferentes projetos de nação e, mais ainda, os projetos de literatura pensados como sistemas capazes de estabilizar modos específicos de subjetividade, concorriam diretamente com as propostas dos Estados autoritários instituídos. Heloísa Paulo, no ensaio “Exilados portugueses na América do Sul: republicanos e revolucionários (1926-1964)”, situa o caso português em um panorama geral do século XX na Europa, abalada por crises políticas e conflitos armados. Com a ascensão de regimes fascistas e a Guerra Civil Espanhola, é

estabelecido um ciclo migratório de exilados e refugiados políticos forçados a evadir seus países de origem. “Em Portugal, com o advento da Ditadura Militar, esta onda de exilados inicia-se ainda em 1926, acentuando-se nos anos seguintes, sobretudo após a implantação do Estado Novo, em 1933”.<sup>6</sup> Países com tradição de imigração portuguesa ou espanhola passavam a ser zonas de atração para os exilados ibéricos. Nesse sentido, o Brasil tornou-se polo de acolhimento de exilados portugueses na América do Sul, embora estivesse sob a vigência de um sistema político semelhante ao combatido em Portugal. É o Brasil do Estado Novo de Getúlio Vargas que recebe os exilados antissalazaristas, mesmo nos episódios de expulsão sumária de Portugal, como nos casos de Jaime Cortesão e Jaime de Morais.<sup>7</sup>

Apesar de o Brasil ser um dos polos preferenciais de imigração dos combatentes do regime salazarista, o Estado Novo brasileiro não era particularmente simpático às ideias desses grupos. O regime de Vargas, que recebia exilados políticos, perseguia os seus próprios opositores:

Graciliano preocupava-se com a possibilidade de voltar a ser preso – e mais uma vez constatou estar sendo seguido na rua. Jorge Amado foi detido no Amazonas, quando voltava de uma longa viagem pela América Latina e pelos Estados Unidos. Rachel de Queiroz teve um cárcere *sui generis*: três meses na sala de cinema do quartel do Corpo de Bombeiros de

6. PAULO. Exilados portugueses na América do Sul: republicanos e revolucionários (1926- 1964), p. 2

7. Sobre o tema ver: PAULO. O exílio português no Brasil: Os “Budás” e a oposição antissalazarista.

Fortaleza. E, em pleno carnaval de 1938, ano de *Touradas em Madri, Camisa listrada e Periquitinho verde*, Tomás Santa Rosa foi levado pela polícia ao sair da José Olympio.<sup>8</sup>

Os projetos político-literários dos escritores brasileiros e portugueses em resistência ao pensamento autoritário preconizado pelos respectivos Estados Novos eram projetos que articulavam bases específicas entre o nacional e o universal. Eram projetos que apresentavam uma visão de nacionalidade concorrente com a visão imposta pelos regimes de matriz corporativista dos Estados Novos. Diferentes expressões dos modernismos confluem para essa articulação entre valor estético e valor nacional. Segundo Mariza Veloso e Angélica Madeira, o projeto de implementar no Brasil parâmetros estéticos que estivessem atualizados com a modernidade e “verdadeiramente afinados com seu tempo, levou os artistas e intelectuais modernistas à reflexão em torno do papel das manifestações culturais para a afirmação da nação”.<sup>9</sup> Dessa forma, as diferentes proposições de artistas brasileiros para atualização dos padrões estéticos possuiriam como ponto comum “a ênfase no poder da arte – por ser fruto de uma produção especial e histórica singular – de integrar o local, o nacional e o universal, afirmando a universalidade como valor intrínseco à expressão estética”.<sup>10</sup>

Ainda que de outra maneira, em Portugal, as relações entre nacionalismo e modernismo também se fizeram presentes

desde os marcos iniciais dos movimentos modernistas. Para Cecília Barreira, revistas como *Orpheu* (1915), *Centauro* (1916), *Exílio* (1916), *Ícaro* (1916) e *Portugal Futurista* (1917) podem ser citadas como revistas que se lançaram na “busca de formulários novos ou na procura duma via diferente, dum rumo-outro para o desencanto e morbidez nacional”,<sup>11</sup> inscrevendo, dessa forma, o nacionalismo no projeto modernista. A polarização crescente da cena política repercutia na cena cultural. Se a revista *Atlântico* apresentava-se como uma publicação que visava à veiculação de ideias e realizações artísticas que pudessem ser identificadas ao corporativismo, com a penetração progressiva das ideias marxistas em Portugal, começaram a eclodir diversas revistas literárias, alinhadas com essa perspectiva e em oposição, à esquerda tanto do regime quanto do pensamento veiculado pela revista *Presença*. Dentre as publicações, destacavam-se *O Diabo*, publicado entre 1935 e 1940, que centralizava em sua redação a rede comunista portuguesa; o semanário *Sol Nascente*, publicado no Porto e em Coimbra, e a revista *Vértice*. Essas revistas, entre outras, funcionaram como rede de sustentação do neorrealismo português até 1940, quando as publicações foram fechadas pela censura e seus articuladores empurrados mais ainda para a clandestinidade. Enquanto funcionaram, constituíram um espaço de trocas e reflexões colaborativas sobre o papel da arte humanista nos espaços de língua portuguesa.

8. SOARES. *Rua do Ouvidor 110 – uma história da Livraria José Olympio*, p. 67.

9. VELOSO; MADEIRA. *Leituras Brasileiras – Itinerários no Pensamento Social na Literatura*, p. 96.

10. VELOSO; MADEIRA. *Leituras Brasileiras – Itinerários no Pensamento Social na Literatura*, p. 96.

11. BARREIRA. *Nacionalismo e Modernismo – de Homem Cristo Filho a Almada Negreiros*, p. 64.

O interesse de autores portugueses pela literatura brasileira e vice-versa, do ponto de vista histórico-cultural, não é nenhuma novidade. Entretanto, o interesse do neorrealismo em formação pela literatura brasileira dos anos 1930 poderá talvez encontrar-se na expressão “a nova descoberta do Brasil”, consagrada na célebre conferência proferida por António Ramos de Almeida em 1944. A crescente penetração das ideias marxistas em Portugal “modela uma nova consciência intelectual centrada na convicção da historicidade integral de todas as práticas humanas”.<sup>12</sup> Nesse sentido, o neorrealismo refere-se à autoconsciência histórica da importância política da prática artística. A arte não podia ser vista como uma questão secundária, era necessário criar condições para uma prática artística adequada a essa consciência histórica.

Joaquim Namorado, em artigo de 31 de dezembro de 1938, publicado em *O Diabo* e intitulado “Do neo-realismo. Amando Fontes”, apresenta esse viés de “nova descoberta do Brasil” e explicita as influências e trocas literárias entre autores brasileiros e portugueses para a criação de uma literatura de resistência, baseada em ideais contrários aos dos sistemas autoritários instituídos:

Mas hoje os portugueses descobriram o Brasil: Jorge Amado, Erico Veríssimo, Graciliano Ramos, Amando Fontes, José Lins do Rêgo, e tantos outros, trouxeram até nós a gente, as ruas, as aldeias e as cidades do Brasil; a inquietação, o desespero e a

ansiedade, as esperanças, a vida dos brasileiros. [...]. O novo romance brasileiro enquadra-se, na sua melhor parte, dentro deste movimento, respondendo por isso às necessidades orgânicas (espirituais, também) da mais jovem geração portuguesa. Eis o ponto de encontro nesta relação simpática que se estabelece entre os dois países, - o, pela primeira vez realizado, intercâmbio luso-brasileiro.<sup>13</sup>

Outro artigo, publicado em *Sol Nascente*, na edição de fevereiro/março de 1940 e intitulado “Do neo-romantismo. O sentido heroico da vida na obra de Jorge Amado”, discorre sobre a importância da obra de Jorge Amado para a formação de uma literatura baseada em critérios humanistas nos espaços de língua portuguesa:

As duas grandes tendências do romance moderno são o neo-realismo e o neo-romantismo. Quando num artigo, há tempos publicado em *O Diabo*, falamos da primeira destas correntes foi o escritor brasileiro Amando Fontes, autor de *Os Corumbas* quem nos serviu de motivo. Ao focarmos agora a segunda, é Jorge Amado, ainda um brasileiro, quem, dos seis escritores de língua portuguesa, nos parece merecer maior interesse. No pobre movimento literário português não existia, antes da saída de *Gaibéus* (1940), o belo romance de Alves Redol, qualquer tentativa séria de romance com essa tendência.<sup>14</sup>

12. PITA. Do “Regionalismo” brasileiro no Neorrealismo português: revisão, p. 18.

13. NAMORADO. Do Neo-realismo. Amando Fontes, p. 59.

14. NAMORADO. Do Neo-romantismo. O sentido heroico da vida na obra de Jorge Amado, p. 63.

Se portugueses liam e se irmanavam em Jorge Amado, no Brasil era Jorge que via o seu país através da escrita de Miguel Torga:

Há uma grandeza na criação de Miguel Torga que amplia os limites da literatura de nossas pátrias. Sendo um escritor profundamente português em suas raízes e em suas perspectivas, a obra do mestre dos *Contos da montanha* repercute igualmente no Brasil, abrindo caminhos para os nossos autores.<sup>15</sup>

Durante a década de 1930 e os inícios da década de 1940, o intercâmbio entre autores interessados na construção de uma literatura humanista de língua portuguesa parecia se concentrar nos principais centros do eixo Brasil-Portugal. Entretanto, ao longo da década de 1940, esse intercâmbio foi crescendo e passando a abarcar também outros espaços no Brasil e em Portugal e, gradativamente, espaços coloniais portugueses na África. Em “Reflexos de um intercâmbio”, introdução ao livro *Cartas D’África e alguma poesia*, Salim Miguel narra o estabelecimento do contato entre jovens escritores brasileiros, provenientes de Florianópolis, e escritores portugueses e africanos interessados na construção colaborativa de uma literatura baseada em critérios contrários aos preconizados pelos governos autoritários instituídos em seus respectivos territórios:

Foi em 1948. Nem bem aparecera a revista *Sul*, uma entre as cerca de quarenta que circulavam pelo país naquele pós-guerra, trazendo a inquietação e a esperança dos jovens, chega uma carta do Rio. Flávio de Aquino nos faz saber que Marques Rebelo dela tomara conhecimento e do esforço daquele grupo de jovens que lutava para fugir do isolamento. [...]. Em dado momento, Rebelo nos perguntou se não estávamos também interessados em contatar outros jovens em Portugal e África. Mal chegado ao Rio, ele nos mandou o endereço do poeta português Manuel Pinto e do poeta, crítico, gravurista Augusto dos Santos Abranches, de Moçambique [...]. Logo estávamos publicando colaborações de nomes conhecidos, como o de Miguel Torga, que passara parte da adolescência no Brasil, mas por aqui era desconhecido. Da África começamos por Moçambique e, nos anos seguintes, fomos publicando na *Sul* colaborações de Angola, Cabo Verde, Guiné Portuguesa, hoje Guiné-Bissau. No último número da revista, 30, aparece um conto de um tal de José Graça, que se tornaria pouco depois internacionalmente conhecido como Luandino Vieira.<sup>16</sup>

A extensão das redes de trocas simbólicas, que passa então a abarcar também territórios coloniais portugueses na África, explicita a relação entre a produção literária nesses espaços e a vontade de criação de uma identidade pátria, inscrevendo assim o projeto político-literário desses autores no eixo modernismo-nacionalismo. Mais ainda, a vontade de

15. AMADO. Orelha do livro *Bichos*, de Miguel Torga.

16. MIGUEL. Reflexos de um intercâmbio, p. 7-8.



filiação a uma literatura baseada nos critérios humanistas partilhados por regionalistas Brasileiros e neorrealistas portugueses contraria diretamente a ideia salazarista de pertença a um Portugal “nação pluricontinental e plurirracial, una, indivisível e inalienável”.<sup>17</sup> Complô que se articula contra a violência normativa do poder hegemônico e cujos indivíduos precisam encontrar formas de lidar com a condição que isso lhes impõe.

Em carta para o escritor modernista Brasileiro Salim Miguel, de 08 de março de 1957, Luandino Vieira expressa as suas preocupações com a crescente perseguição política e os perigos que se apresentavam para os jovens interessados em desenvolver uma cena cultural alternativa em Angola: “Temos um bom número de jovens interessados em desenvolver uma literatura de caráter regionalista e alguns mesmo já com obra feita. Mas está guardada no fundo do baú. Não a podem publicar”.<sup>18</sup> Além da incipiência de editores e do alto custo das edições de autor, os jovens angolanos precisavam lidar com os mecanismos de censura que empunham os mais diversos obstáculos contra a publicação de suas ideias: “põem todos os entraves possíveis. Em tudo veem manifestações de caráter político [...]. Os jornais, controlados, não publicam nada que tenha ‘regionalismo’”.<sup>19</sup>

Por conta de sua atividade literária, Luandino foi preso pelo regime colonial português, pela primeira vez em 1959

e, depois, em 1961, quando passou por diferentes cadeias até ser prisioneiro do Campo de Trabalho do Chão Bom, Tarrafal, onde ficou preso de 1964 a 1972, local também conhecido como campo da morte lenta: “Enquanto não cheguei ao Tarrafal, eu estava preso mas não estava exilado”,<sup>20</sup> diz Luandino na entrevista intitulada “O Tarrafal é a prisão em mim”. Foi no campo que Luandino produziu grande parte da sua obra. Para manter a sua atividade, o complô precisou se integrar ao espaço do cárcere: “Eram cartas que eu escrevia, dobrava, com selo e o inspetor que dirigia o pavilhão lia, fechava e mandava pôr no correio. No mesmo dia, pela via clandestina, saía uma carta com os assuntos que não podia pôr obviamente naquelas cartas”.<sup>21</sup>

A convivência com esse espaço da margem, com a necessidade de articulação de uma rede interconectada de complôs para lidar com as relações de poder, produziu uma forma e razão de trocas literárias, simbólicas e comerciais nesses espaços de língua portuguesa que parece aproximar-se da lógica dos sistemas de prestações totais, descrita por Marcel Mauss em seu *Ensaio sobre a dádiva*. A impossibilidade crescente de se articular num plano público sem correr riscos exigiu que os participantes do intercâmbio cultural que se formou em resistência ao pensamento autoritário nos espaços de língua portuguesa recorressem a outros sistemas de economia simbólica. Mauss descreve os sistemas de prestações totais como relações de trocas (dar, receber, retribuir) que dão conta,

17. ROSAS. O Salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo, p. 1035.

18. VIEIRA. Carta para Salim Miguel de 08 de março de 1957, p. 31.

19. VIEIRA. O Tarrafal é a prisão em mim, p. 1053.

20. VIEIRA. O Tarrafal é a prisão em mim, p. 1053.

21. VIEIRA. O Tarrafal é a prisão em mim, p. 1046.

concomitantemente dos mais diversos aspectos das vidas de seus participantes:

Ele é religioso, mitológico e xamanístico [...]. Ele é econômico, e convém avaliar o valor, a importância, as razões e os efeitos dessas transações [...]. É também um fenômeno de morfologia social. A reunião das tribos, dos clãs e das famílias, e até mesmo das nações, produz um nervosismo e uma excitação notáveis: os grupos confraternizam e no entanto permanecem estranhos; comunicam-se num gigantesco comércio e num torneio constante [...]. Os objetos materiais dos contratos, as coisas que são trocadas, têm, igualmente, uma virtude especial, que faz com que sejam dadas e sobretudo retribuídas.<sup>22</sup>

De forma similar, as produções simbólicas que participam do intercâmbio cultural aqui abordado e seus espaços de circulação dão conta, concomitantemente, dos mais diversos aspectos das vidas desses indivíduos, organizando as suas formas de subjetividade e seus contextos de trocas simbólicas. São, ao mesmo tempo, projetos individuais profissionais – ser escritor; projetos políticos de fundação de uma ideia de nacionalidade em conexão com um pensamento global; são projetos de vida que custaram a muitos dos seus participantes a própria liberdade e a convivência com o risco da clandestinidade para si e suas famílias. Estão ligados também a trocas comerciais e mesmo a uma dimensão jurídica de

crédito – livros ou publicações muitas vezes pagas com uma promessa de contrapartida futura ou mesmo com o envio de outros bens simbólicos cuja circulação estava interdita naquele país:

Para reduzir ao mínimo as possíveis complicações, peço-lhe diligenciar para que os livros não venham como encomenda da livraria em que forem adquiridos, mas sim como encomenda particular, oferta de amigo. Se possível, deverão ser vestidos com capas de outros livros vulgares. E, finalmente, os embrulhos, que deverão ser pouco volumosos, convém sejam feitos de papel forte.<sup>23</sup>

São, em alguns momentos, trocas agonísticas interessadas em uma construção coletiva de saberes sobre a vida baseada na produção e circulação de bens simbólicos: “Foi quando depois o Eugênio Ferreira me levou um livro chamado *Sagarana*. Li e pensei: Estou justificado. Se eu souber, posso tentar criar uma linguagem literária que seja homóloga da linguagem popular”.<sup>24</sup> Em outros momentos, são trocas não agonísticas, interessadas no estabelecimento de uma literatura nacional que afirme os próprios critérios de individualidade cultural e se afaste de outras soluções narrativas produzidas em outros contextos nacionais: “a literatura brasileira, que é um peso, é uma boa influência, uma boa escola, mas é ao mesmo tempo uma prisão”;<sup>25</sup> ou ainda: “a nossa independência política tem

22. MAUSS. *Ensaio sobre a dádiva*, p. 68.

23. CRUZ. Carta para Salim Miguel de 06 de janeiro de 1953, p. 43.

24. VIEIRA. O Tarrafal é a prisão em mim, p. 1053.

25. VIEIRA. O Tarrafal é a prisão em mim, p. 1065.

uma base cultural porque nós temos uma diferença cultural que justifica uma independência política porque se argumentava muito que era a língua do Eça que usávamos”.<sup>26</sup>

A vontade de afirmação de uma identidade nacional distinta não era exclusividade dos escritores angolanos: “A minha pátria é a cultura portuguesa, primeiro, e a cultura universal depois”.<sup>27</sup> Por mais que os sistemas de prestações totais estivessem ligados à razão e forma das trocas em sociedades arcaicas, uma parte considerável de “nossa moral e de nossa vida permanece estacionada nessa mesma atmosfera em que dádiva, obrigação e liberdade se misturam”.<sup>28</sup> As relações de prestações totais, nesse sentido, estão ligadas principalmente ao estabelecimento de um valor simbólico que faz com que as coisas não sejam consideradas exclusivamente em termos de compra e venda. O lugar de enunciação dos autores e intelectuais que dedicaram suas vidas a combater os regimes autoritários instaurados em seus espaços nacionais conecta-se com essa necessidade de atribuir e lutar por valores que se opõem diametralmente à ideia de valor venal dos objetos.

Redes de complôs que se organizaram em sistemas de prestações totais funcionaram como a maneira encontrada para conviver no espaço de exclusão para onde artistas e intelectuais opositores aos regimes instaurados foram empurrados. Ser marginalizado para esse local do exílio ou mesmo do cárcere, para esse lugar que, nos casos mais extremos, se

caracteriza pela subalternidade absoluta, pelo indivíduo tutelado, remete à noção de *jogos de azar* desenvolvida por José Cardoso Pires em sua homônima coletânea de contos. O jogo de azar é mais do que o palpite, o pressentimento, a sorte. Os excluídos, retratados pelo escritor português, devem a sua condição de precariedade a uma situação que lhes é exterior à sua vontade ou desígnio, “as formas de existência lhes são impostas...”.<sup>29</sup> Para lidar com a existência, com a sobreposição entre a dimensão escolhida e a imposta pelos jogos de azar, fazia-se necessário escrever. Escrita que na sua dimensão mais extrema se afirmava como dualidade, concomitantemente pulsão de vida e de morte, resistência à violência do poder hegemônico e fuga:

A esta distância é muito difícil perceber se era para resistir ou se era para fugir. Não sei se a escrita era uma evasão, se era um ato de afirmação. Uma coisa que posso dizer é que havia uma determinação em ser fiel ao projeto de escritor com que tinha entrado para a cadeia [...]. Era, através da literatura e da minha formação como escritor, contribuir para a independência de Angola no sentido muito amplo da independência. Não era independência só política, era a contribuição cultural para uma identidade nacional, para uma consciência nacional, para aqueles valores que segundo certas teorias enformam a nação.<sup>30</sup>

26. VIEIRA. O Tarrafal é a prisão em mim, p. 1053.

27. SENA. Carta para Virgílio Ferreira de 04 de julho de 1965, p. 8.

28. MAUSS. *Ensaio sobre a dádiva*, p. 111.

30. VIEIRA. O Tarrafal é a prisão em mim, p. 1050.

29. CARDOSO PIRES. *A charrua entre os corvos*, p. 13.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Orelha do livro. In: TORGA, Miguel. **Bichos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1996.

BARREIRA, Cecília. **Nacionalismo e Modernismo** – De Homem Cristo Filho A Almada Negreiros. Lisboa: Assírio & Alvim, 1981.

CARDOSO PIRES, José. A charrua entre os corvos. In: CARDOSO PIRES, José. **Jogos de Azar**. Lisboa: Moraes Editores, 1963.

CRUZ, Viriato da. Carta para Salim Miguel de 06 de janeiro de 1953. In: MIGUEL, Salim. **Cartas D'África e alguma poesia**. Rio de Janeiro: Top Books, 2005.

LAKS, Daniel Marinho. Sobre as conjurações que subjazem ao funcionamento aparente do real. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 6. n. 1, 2013, p. 358-368.

MIGUEL, Salim. Reflexos de um intercâmbio. In: MIGUEL, Salim. **Cartas D'África e alguma poesia**. Rio de Janeiro: Top Books, 2005.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

NAMORADO, Joaquim. Do Neo-realismo. Amando Fontes. **O Diabo**, Lisboa, 31 dez. 1938, p. 59-60.

NAMORADO, Joaquim. Do neo-romantismo. O sentido heroico da vida na obra de Jorge Amado. **Sol Nascente**, Porto, fev./mar. 1940, p. 63-65.

PAULO, Heloisa. O exílio português no Brasil: Os 'Budás' e a oposição antissalazarista. **Portuguese Studies Review**, Peterborough, v. 14, n. 2, jun. 2009, p. 125-142.

PAULO, Heloísa. Exilados portugueses na América do Sul: republicanos e revolucionários (1926- 1964). **Actas das Primeras Jornadas de Trabajo sobre Exilios Políticos del Cono Sur en el siglo XX. Agendas, problemas y perspectivas conceptuales**. La Plata, 2012. Disponível em: < <http://jornadasexilios.fahce.unlp.edu.ar/i-jornadas/ponencias/PAULO.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

PIGLIA, Ricardo. **Teoria do complô**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2009.

PITA, António Pedro. Do "Regionalismo" brasileiro no Neorealismo português: re-visão. In: CHAVES, Vânia Pinheiro; MONTEIRO, Patrícia. **100 anos de Jorge Amado** – O escritor, Portugal e o Neorealismo. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2015.

ROSAS, Fernando. O Salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. **Análise social**, Lisboa, v. 35, n. 157, Inverno de 2001, p. 1031-1054.

SENA, Jorge de. Carta para Virgílio Ferreira de 04 de julho de 1965. In: VIEIRA, Nelson H. **Brasil e Portugal**: a imagem recíproca: o mito e a realidade na expressão literária. Lisboa: Ministério da Educação, 1991.

SOARES, Lucila. **Rua do Ouvidor 110** – uma história da Livraria José Olympio. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2006.



VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. **Leituras Brasileiras – Itinerários no Pensamento Social na Literatura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

VIEIRA, Luandino. Carta para Salim Miguel de 08 de março de 1957. In: MIGUEL, Salim. **Cartas D'África e alguma poesia**. Rio de Janeiro: Top Books, 2005.

VIEIRA, Luandino. O Tarrafal é a prisão em mim. In: RIBEIRO, Margarida Calafate; SILVA, Monica V.; VECCHI, Roberto (Orgs). **Papeis da prisão: apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)**. Lisboa: Editorial Caminho, 2015.